

# Música

## O maestro de Hollywood

**Prolífico e versátil, Ennio Morricone ajudou a revolucionar o uso da música no cinema e deixou sua marca como um dos compositores mais ouvidos de todos os tempos**

Por Daniel Lima Fotos: ARS Latina - [www.enniomorricone.it](http://www.enniomorricone.it)

Na paisagem desolada e de cores queimadas pelo sol, matadores e heróis sem nome duelam ao som de coites e... guitarras elétricas. O elemento aparentemente dissonante na descrição tem dono. Num gênero cinematográfico estadunidense por excelência como o faroeste, sua identidade sonora definitiva foi cunhada por um italiano que nunca aprendeu a falar inglês: Ennio Morricone. Foi assinando trilhas de *westerns*, como *Por um punhado de dólares* (*Per un pugno di dollari*, 1964) e *Três homens em conflito* (*Il buono, il brutto, il cattivo*, 1966), que Morricone ganhou notoriedade, pôde compor mais de 500 trilhas de filmes, se tornou sinônimo de música no cinema - e também fora dele. Nascido em Roma, em 1928, o precoce Morricone começou a compor já aos seis anos. Iniciou seus estudos aos 12, na Accademia Nazionale di Santa Cecilia, de onde saiu apaixonado por música clássica. A situação da

Itália pós-guerra, no entanto, obrigou Morricone a trabalhar em casas noturnas frequentadas por norte-americanos, tocando trompete - algo que odiava, por julgar estar servindo aos que "ocupavam" sua terra. As dificuldades financeiras da época fizeram com que Morricone, já casado com Maria Travia, aceitasse também alguns trabalhos para televisão, cinema e teatro. Seu destino começaria a mudar após o reencontro com um antigo amigo de colégio: o diretor Sergio Leone.

Para *Por um punhado de dólares*, Leone encomendou a Morricone um canto militar mexicano. O músico lembrou de uma melodia não utilizada que havia composto para a televisão e imediatamente a tocou para Leone no trompete. A parceria foi então firmada e não poderia funcionar melhor: com esse filme, Leone revitalizou um gênero cinematográfico em declínio - cujo início se pode identificar em uma das obras de seu maior nome, o diretor John Ford, no crepuscular *O homem que matou o facinoroso* (1962) - e, revelou um dos maiores astros de nossa época - Clint Eastwood -, além de dar liberdade para que Morricone inovasse a trilha sonora do cinema.

A intenção de Morricone era provocar a platéia. Inspirou-se nos cenários e na temática do roteiro. No lugar de peças orquestradas, ruídos de animais e gritos humanos - resultado de um período de estudo no grupo de improvisação Nuova Consonanza, em Roma. A própria música era como uma das vítimas da violência crua dos filmes. Já nesse início, o compositor exercitou aquela que se tornaria talvez sua maior qualidade como trilheiro excepcional: mais do que prover um pano de fundo para as cenas, Morricone as emoldurava, transformando a música em um elemento narrativo, para que o diretor "consiga dizer (com a música) o indizível pelas palavras", definiria o maestro.

Prova disso é que as trilhas de Morricone para os filmes de Leone eram em parte compostas antes das filmagens para que o diretor as tocasse nos

sets, servindo de referência para os atores não só na composição do clima, mas também no ritmo das cenas. Era como se filmassem um musical. Em *Era uma vez no Oeste* (*C'era una volta il West*, 1968), última parceria entre Leone e Morricone em *westerns*, o diretor pediu ao compositor que o tema do personagem de Charles Bronson, o Gaita, fosse baseado nos "últimos suspiros de um homem".

Com a projeção alcançada pelas trilhas dos faroestes - também conhecidos como *spaghetti westerns*, rótulo que odeia -, Morricone passou a ser mais requisitado. E como: sem o hábito de recusar serviço, foi acumulando no currículo trabalhos com alguns dos principais diretores do século, desde os conterrâneos Pier Paolo Pasolini, Bernardo Bertolucci, Giuseppe Tornatore e Franco Zeffirelli, até os estadunidenses Mike Nichols, Warren Beatty, Oliver Stone e Brian de Palma. E se aventurou em vários gêneros: na comédia, como *Politicamente incorreto* (1998), de Beatty; no policial, como *Os intocáveis* (1987), de De Palma; e até no terror em *O Enigma do outro mundo* (1982), de John Carpenter.

A versatilidade, no entanto, oculta um homem avesso ao contato com a imprensa e agarrado a exigências de trabalho específicas. Uma delas é não viajar ao encontro dos diretores com quem trabalha: "Se eles querem trabalhar comigo, eles venham aqui", decreta. O lendário diretor Stanley Kubrick chegou a convidar Morricone para trabalhar na trilha de *Laranja mecânica* (1971), mas o compositor finalizava a mixagem de um projeto com Leone. Kubrick não voltou a procurar Morricone. E este, mesmo após finalizar seu compromisso com Leone, não procurou Kubrick. Mesmo com sua ligação profissional com o cinema, Morricone nunca deixou de lado a paixão pela música clássica. Encontrava espaço para incluí-la até em seus projetos cinematográficos. Em *Meu nome é ninguém* (*Il mio nome è nessuno*, 1973), fez uma paródia de "A cavalcada das Valquírias", de Wagner. "Mesmo que eu tenha



Com Sergio Leone, Morricone formou uma parceria que trouxe inovações importantes para a história da música no cinema



A pedido de Leone, Morricone tocou no trompete a melodia que foi utilizada, posteriormente, no primeiro filme em que a dupla se uniu: Por um punhado de dólares



Mais um parceiro importante: Brian de Palma, com quem Morricone trabalhou para Os intocáveis

consciência de que existe um enorme fosso entre o público que vai ao concerto e o que vai ao cinema, essas pequenas passagens são uma maneira de aproximar os dois mundos", explicaria à revista francesa *L'Express*, em 1999. Aliar sofisticação e apelo pop sempre foi um forte de Morricone. E isso desde o início, quando compôs "Se telefonando", um dos maiores hits da cantora italiana Mina, em 1966, naquele país. Ou mesmo quando flertou com ritmos brasileiros ao preparar os arranjos para o disco "Per un pugno di samba", disco de Chico Buarque, durante seu período de exílio na Itália. Morricone ainda compôs mais de uma centena de peças clássicas e até hoje rege orquestras - uma de suas regências mais recentes aconteceu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em maio deste ano, quando tocou algumas de suas obras mais conhecidas: um *pot-pourri* de trilhas sonoras.

E, diferentemente do que possa aparentar, a inegável associação do nome de Morricone ao cinema não o incomoda nem diminui sua importância como compositor. Como ele próprio diz, "a música e o cinema são duas das mais fortes interpretações do nosso tempo". Morricone, portanto, capturou o século XX mais do que ninguém. Aos 78 anos, recebeu, em 2007, seu primeiro Oscar (depois de cinco indicações em edições anteriores). O prêmio foi pelo conjunto de sua obra.

O maestro de Hollywood já compôs mais de 500 trilhas de filmes

Foi só em 2007, depois de 5 indicações em anos anteriores, que Morricone recebeu um Oscar. Desta vez, ao menos, o prêmio foi completo: pelo conjunto de sua obra

